

# *Minha Árvore, Minha Vida*



Universidade  
Tuiuti do  
Paraná

*Josefina Prestes*

*Josefina Prestes*

Autora

*Giselle Massi*

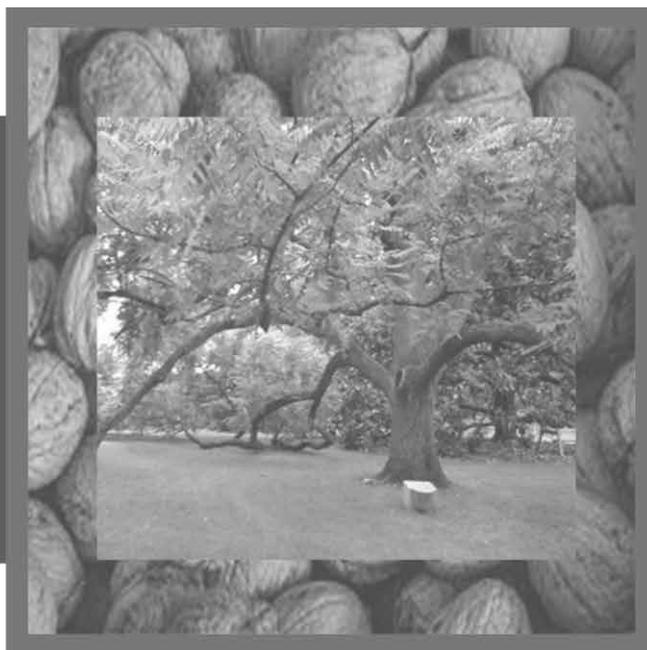
*Ana Martha Massucheto*

*Ana Paula Fley*

*Claudia Patrícia Santos de Barros*

*Gabriel Lechenakoski*

Organizadores



Curitiba

2020



*Reitoria*

Luiz Guilherme Rangel Santos

*Pró-Reitoria de Planejamento e Avaliação*

Afonso Celso Rangel dos Santos

*(in memoriam)*

*Pró-Reitoria Administrativa*

Camille Barrozo Rangel Santos Prado Pereira

*Pró-Reitora Acadêmica*

João Henrique Faryniuk

*Pró-Reitoria de Promoção Humana*

Ana Margarida de Leão Taborda

*Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão*

Bianca Simone Zeigelboim

*Editoração Científica - Coordenação*

Josélia Schwanka Salomé

*Produção Gráfica, Editoração Eletrônica e Capa*

Haydée Silva Guibor

*Revisão de Língua Portuguesa*

A revisão é responsabilidade da autora do texto.

*Imagem da capa*

Manipulação digital, <http://www.freeimages.com>

*Campus Sydney Lima Santos*

Rua Sydney Antônio Rangel Santos, 245

Santo Inácio | CEP 82010-330 | Curitiba - PR

41 3331-7654 | [editoracao.proppe@utp.br](mailto:editoracao.proppe@utp.br)

# *Agradecimentos*

Ao Gabriel Ascki, aluno do Curso de Fotografia da UTP,  
pela disponibilidade em fotografar a autora do livro  
e seus organizadores.

À Haydeé Silva Guibor, pelo envolvimento e boa vontade,  
que transformam o nosso trabalho com o texto,  
tornando-o maior, mais significativo  
e melhor delineado.

# Apresentação

Esse *e-book* faz parte de uma atividade de extensão conhecida como *Oficina da Linguagem*, que é organizada pela graduação em Fonoaudiologia e pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação da UTP. Ele conta a história da Josefina Prestes, a Jô, que participou dessa Oficina a partir do seu desejo de escrever um livro. Josefina esteve conversando conosco, durante o segundo semestre de 2019. Todas as quartas-feiras à tarde, ela narrava fatos de sua vida. Nessas tardes, deixamos a palavra solta e nos envolvemos em rodas de conversas, que provocaram diferentes afetos e efeitos. Questionamos, retomamos, buscamos estabelecer acordos em torno das incompletudes que atividades com a linguagem despertam. *wÉ... o trabalho com a linguagem é exigente. Demanda troca, escuta, (des)entendimento, aceitação da falta e da incompletude e, ao mesmo tempo, persistência. Em alguns momentos rimos e nos empolgamos, em outros revimos e reelaboramos nossas próprias histórias. Certo dia, saboreamos um delicioso doce de laranja, elaborado pela Jô. Humm, que delícia de doce sabor de infância!!!! Tiveram, também, situações que sentimos pitadas de tristeza com as perdas e adversidades narradas pela Jô. E, assim, ponto a ponto, entre contos, encontros e confrontos finalizamos essa extensão universitária, cujo resultado está, em parte, apresentado aqui. Nosso desejo é que ele consiga alcançar e entrançar outras pessoas, outros leitores e leitoras, produzindo novos laços e diferentes diálogos, que toda atividade com a linguagem convoca!*

## *Os organizadores*

Curitiba, 28 de julho de 2020.

Giselle Massi,

Ana Martha Massucheto

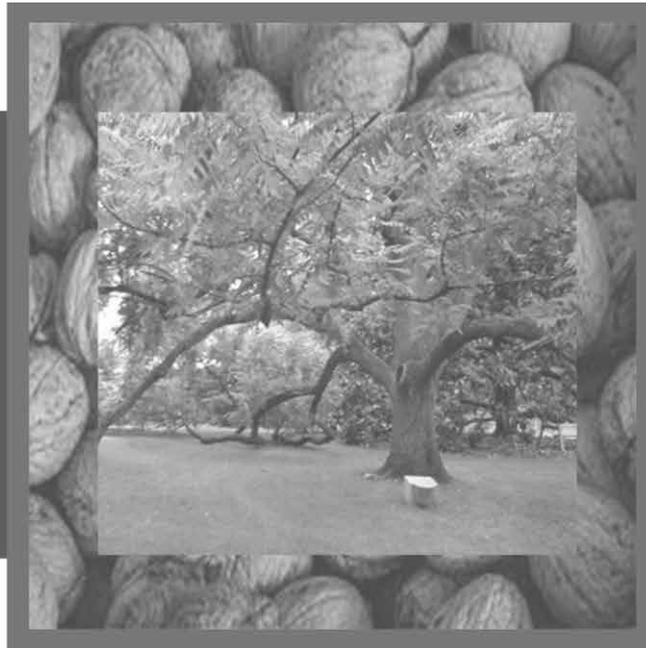
Ana Paula Hey

Claudia Patrícia Santos de Barros

Gabriel Lechenakoski

# Capítulo 1

*Antes do Brasil, a Rússia, a África e a Alemanha*



*Antes do Brasil, a Rússia, a África e a Alemanha*

*Minha história começa quando um navio de imigrantes, vindo da Rússia, parou aqui no Brasil, no Porto de Paranaguá. Nesse navio, vieram meus avós maternos e minha mãe. Meus avós russos adoeceram no navio e morreram logo que chegaram no Brasil. E minha mãe, ainda criança, foi adotada por um casal de negros, seguindo para a cidade de Ponta Grossa. Não sei explicar como e porque foram para Ponta Grossa, saindo de Paranaguá. Minha avó brasileira não tinha costume de dialogar com os mais jovens, não era comum que os mais velhos nos abraçassem ou nos beijassem.*

*Meus avós brasileiros não podiam ter filhos e adotaram dois meninos e duas meninas. Depois da minha mãe, que era filha de estrangeiros, chegaram dois meninos gêmeos e uma menina descendente de índia, com um cabelo comprido e muito bonito. Minha mãe, chamada Durvalina, e meus tios cresceram e seguiram suas vidas. Não sei como meus pais se conheceram. Lembro de uma aliança de ouro, muito bonita, que minha mãe tinha, com letras antigas gravadas em seu lado interno. Meu pai, era de Palmeira, tinha sangue de africano e de alemão. O seu nome era Vitor, ele era moreno, com olhos azuis e minha mãe era bem loira.*

*Ela frequentou a escola, sabia ler e escrever, bordava, fazia crochê e aprendeu a costurar sozinha, desmontando roupas e tirando moldes no papel. Meu pai não sabia ler, mas sabia subir no cavalo e sair para o campo atrás dos bois, em fazendas de criação de gado. Ele entendia bem desse assunto, chegando a ensinar estudantes de veterinária. Ele era muito inteligente, fazia contas de cabeça. Minha mãe cuidava dos afazeres da casa e meu pai era capataz.*



Figura 1: Essa foto é do casamento de meus pais.

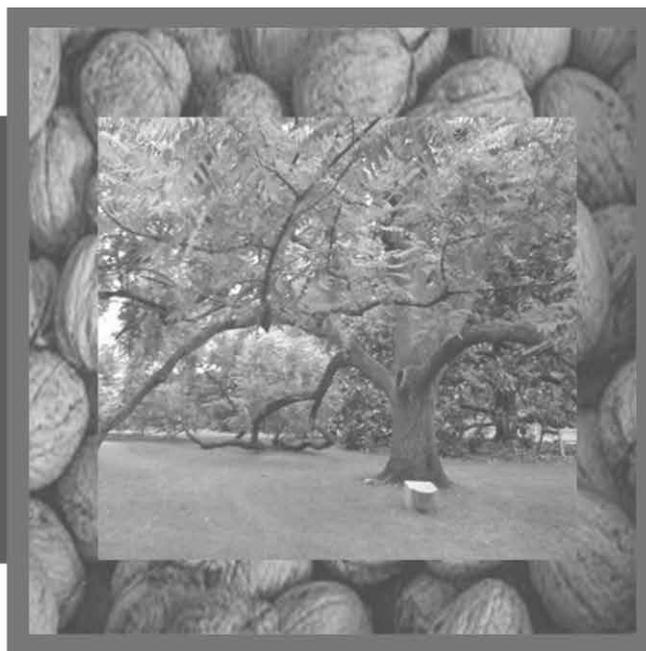
Minha avó era parteira! Então, minha mãe teve os filhos de parto normal, em casa. Eu tenho três irmãos e duas irmãs. Cheguei nesse mundo em 1948, embora minha certidão de nascimento indique que nasci no dia 19 de março de 1949. Só quando casei e fui até a cidade de Palmeira, em busca de minha certidão de batismo, soube que eu tinha duas datas de nascimento. Mas, a data correta é 19 de março de 1948. Eu tinha o nome Conceição no batismo e, no cartório, esse nome não foi registrado.



Figura 2: Foto de família, com meus pais à esquerda.

## Capítulo 2

*A infância, a família e a escola*



*A infância, a família e a escola*

Nasci no município de Palmeira, aqui no Paraná, na Fazenda Santa Rita, onde meu pai trabalhava. Nasci em família pobre. Depois de se casarem, meus pais tiveram seis filhos, três homens e três mulheres. Eu fui a quinta filha e depois tive outra irmã mais nova. Com alguns desses irmãos, bem mais velhos, tive pouca convivência, pois eles já moravam em Curitiba, durante minha infância. Cresci com o Antônio, meu irmão, quatro anos mais velho, e com minha irmã, 3 anos mais nova, a Paulina.

Eu lembro da minha infância toda, desde os três anos de idade. Lembro que trepava nas árvores, eu era uma macaca. Ficava muito tempo em cima de árvores. A minha preferida era uma nogueira, representada na capa deste livro. Eu comia frutas na jabuticabeira, no pé de mimosa, no pé de caquizeiro. Tomava banho de rio, tomava banho de cachoeira. Eu era feliz, na época, e não sabia!

Lembro, também, das mudanças que fazíamos. Meu pai era daqueles assim... “pavio curto” e mudava de emprego. Na primeira mudança que fizemos, saímos da Fazenda Santa Rita e fomos morar na Colônia Quero-Quero, que era de imigrantes russos e ficava perto de Palmeira. Nesse lugar, atravessávamos um rio com carroça e só quando essa carroça subia e saía do rio é que sentíamos que nascíamos novamente.

Brinquei muito na infância. Perto de onde morávamos, havia uma lagoa, que ficava cheia e eu gostava muito de tomar banho lá. Brincava de rede, pulava corda, brincava de amarelinha, jogava peteca, todas essas coisas, que os jovens, de hoje em dia, não fazem mais. Nós marcávamos o chão da amarelinha com um pau.

Mas, a gente tinha medo do pai. Meu pai era muito enérgico! Eu nunca abracei e beijei meu pai! Quando tinha visita em casa, nós nem podíamos passar na sala. Tínhamos que ter respeito ao sentar na mesa! Se pessoas estranhas estivessem em nossa casa, não podíamos conversar, era tudo bem controlado. Mas, hoje, penso que não tínhamos respeito, o que sentíamos era medo do pai. Nós sentávamos na mesa e ele dizia: - Ninguém vai comer fruta verde antes da geadá. Claro que a gente comia mimosá e ficava aquele cheiro forte. Então, ele sentava lá na ponta da mesa, que era grande, e perguntava: - Quem está comendo laranja verde?

Ele não gostava quando íamos em locais com mais profundidade, na cachoeira. Uma vez ele deu uma surra com chicote no, Antônio, meu irmão, que jogou uma bola e quebrou o vidro. Eu nunca apanhei do meu pai, já meu irmão...!! Eu era teimosa e discutia com o meu pai. Ele dizia: - Josefina se cair no rio, vai subir rio acima, por causa da minha teimosia. Lembro que tinha uma gatinha e queria que ela dormisse, na cama, comigo. Meu pai brigava e colocava ela para dormir fora de casa. Quando ele dormia, eu e minha irmã levantávamos da cama, abríamos a porta e colocávamos a gatinha para dormir conosco.

Certa vez o pai, que tinha comprado um cavalinho branco, ordenou que não andássemos naquele cavalo. Um belo dia, meu pai viajou e meu irmão pegou o cavalo para recolher as vacas. Depois deixou o cavalo na frente de casa para tomar café. Eu vi o cavalo e resolvi cavalgar. Meu irmão jogou um saco preto em nossa direção e o cavalo, assustado, começou a pular. Então, fui jogada contra o muro e fiquei três dias na cama, com dor nas costas. Mas, não podia reclamar, para não levar uma surra.

Minha mãe, dava uns beliscões nos meus braços, puxava minha orelha e, às vezes, dava cascudo em minha cabeça. Lembro de uma vez que ela ficou muito brava! Eu e minha irmã fomos para escola, caminhando! Mas, antes de chegarmos lá, vimos do alto do morro que a escola estava fechada, pois seria rezada uma missa, no povoado. Então, estávamos voltando para casa e eu tinha que fazer o batizado de um menino, naquela missa, pois era madrinha da criança. Enquanto voltávamos, uma menina veio avisar que precisávamos ir na missa e no batizado. Por isso, minha mãe me deu uns cascudos, pela desobediência de voltar para casa e não ir direto para a missa. Eu não sabia que

teria missa antes do batizado. Mas, como não queria e não podia discutir com a mãe, levei os cascudos e me calei.

Ainda assim, nós abusávamos um pouco da mãe, pois ela não era brava como meu pai. Minha mãe era mais carismática e mais meiga, não era tão enérgica como meu pai. E desde pequenos nós ajudávamos a fazer tudo, em casa. Quando matavam um porco, nós não íamos à escola para ficar ajudando. Na época, nós fazíamos doces no tacho e descascávamos as frutas, para auxiliar a mãe. Então, com 7 anos eu já ajudava em todos os afazeres domésticos. E não tinha mordomia, o banheiro ficava do lado de fora da casa e nós tomávamos banho na água do rio, não tinha chuveiro quentinho, como hoje. A primeira vez que tomei banho de chuveiro, eu tinha 12 anos, quando me mudei para Curitiba. Mas, esse assunto da minha mudança para Curitiba, fica para o próximo capítulo.

Ainda, sobre a minha infância, lembro de uma ocasião em que minha mãe, por ser bem caprichosa, fez uma capelinha. Ela tinha ganho um gato que veio dentro de uma caixa. Aproveitou a caixa para fazer a tal capelinha. E, quando eu e meus irmão rezávamos, dávamos muita risada da situação. Pois, rezávamos para santinha em uma capelinha que já tinha sido a caixa de um gato.

O meu irmão mais velho era mais preguiçoso! Ele queria minha ajuda em tudo o que fazia. À noite, era preciso soltar os cavalos e ele tinha medo. Por isso, eu tinha que ir junto e me aproveitava, batia nele com a vassoura. Quando podia bater nele, batia. Ele queria ajuda para tudo que tinha de fazer. Todos nós precisávamos ajudar a recolher os cavalos, ir para o campo recolher os carneiros. Desde pequena, eu já trabalhava bastante. A gente ajudava a debulhar milho para alimentar as vacas, jogava milho para as galinhas, tratávamos dos porcos.

Meus pais, também, faziam muitas coisas. Meu pai lidava com o gado. Minha mãe dizia que ele só sabia ir atrás do gado. Ele gostava de fazer isso. Na época de vacinação, da castração do gado, os veterinários, filhos de amigos dos donos da Fazenda, pediam para o meu pai explicar o que sabia e o que fazia com os animais.

Além disso, cuidávamos de plantações de milho, feijão, arroz, batata, batata doce, melancia, todas essas coisas. No quintal, também, tinha verduras, repolho, alface, couve,

beterraba, cenoura, cebolinha. Minha mãe tinha uma horta bem bonita. E nós colhíamos tudo fresquinho, sem veneno. Naquela época, era diferente, não tinham esses venenos que a gente come hoje.

A minha mãe trabalhava nos afazeres de casa. Fazia almoço, limpava a casa, lavava roupa. Ela costurava nossas roupas, lençóis, fazia travesseiro de pena de galinha, colchão de palha de milho. E era uma delícia, ficávamos aconchegados e não sentíamos frio. Para o nosso consumo, fazíamos queijo, manteiga e pão assado em um forno que ficava fora de casa. Às vezes, nós precisávamos ir até a cidade, para comprar tecido para minha mãe costurar. E, quando chegávamos na cidade, eu e meus irmão pedíamos para comer pastel de carne e tomar sorvete. Nós gostávamos muito disso, porque era diferente das comidas do sítio.

Eu gostava quando os padrinhos, José Carlos e Raquel, nos visitavam. Eles eram filhos dos donos da Fazenda onde nasci. Moravam em Curitiba e levavam ovo de chocolate, na Páscoa. No tempo da minha infância, existiam uns ovos de vidro grande, bordados com coelhos. Eram bonitos, mas, duros e ruins para comer. Certa vez minha mãe ganhou uma cesta de natal e tinha um cacho de uvas dentro. Só que ela falou que o tal cacho era de madeira. E aquilo ficou rolando pela casa, até que eu abri o cacho e ele era chocolate. Foi uma festa, porém acabou em um instante.

Lembro de situações que me deixavam bem feliz, quando cuidávamos de bezerrinhos. Minha mãe improvisava uma chupeta de borracha e nós dávamos mama para eles. Eu via nascer cavalinho, porquinho, carneirinho. O cavalinho montava e caía, montava e caía. Às vezes, eles perdiam a mãe, durante o parto, e nossa família assumia a maternidade dos bichos. Para nós, era uma festa. Nós amamentávamos os animaizinhos até os seis meses. Depois o pai soltava os bichos, porque davam cabeçadas. Eu e meus irmãos íamos para escola e quando chegávamos em casa, encontrávamos minha mãe triste, porque precisava soltar os bichinhos com os outros animais. Minha mãe era bem carinhosa. Às vezes, aparecia um pintinho com a perninha quebrada e ela enfaixava a patinha dele. Cuidava do pintinho até ele ficar bom. E, quando caía a noite, antes de ir para o galinheiro, ele se colocava atrás do fogão. Que tempo bom! Quantas lembranças legais!

Agora, vou contar sobre a minha primeira escola. Ela tinha uma sala grande, com carteiras grandes, também, pois eram feitas para que dois alunos sentassem juntos. Nessa

única sala de aula, ficavam alunos do primeiro, segundo e do terceiro ano primário. Dona Coleta, que hoje tem noventa e dois anos e mora em Curitiba, era a nossa professora. Ela residia em Porto Amazonas e mudou-se, com o marido, para a vila, perto de onde eu morava. Seu marido, que era contador, organizava o pagamento para todas as pessoas que trabalhavam naquele lugar.

*T*ínhamos muito respeito pela professora. Lembro, uma vez, que a gente levou uns castigos. Quando chovia, meu pai pedia para a professora liberar eu e meus irmãos, para pegarmos nossos cavalos e ir embora. Só que meu irmão, cabeçudo, não sabia a lição e a professora não queria deixá-lo sair, até que entendesse a matéria. Mas, fomos embora e, no dia seguinte, tivemos que ficar ajoelhados no milho. É, quando a professora julgava necessário, os alunos tinham que ficar, na frente da sala de aula, de joelhos no milho, com os demais colegas olhando.

*N*o recreio, nós lanchávamos. Não tinha merenda na escola. Então, eu levava o lanche em saquinhos feitos em casa, que chamávamos de borná. Às vezes, eu levava um ovo cozido, uma garrafinha com café e leite, um bolinho de chuva. Alguns alunos aproveitavam o recreio e corriam comer, em casa, pois moravam perto da escola. E outros nem tinham merenda. As vezes a gente dava algo para as pessoas comerem, não muito, pois a gente não levava muito também.

*M*as, apesar de ser uma escolinha pública rural, que ficava no campo, era boa. Quando vim morar em Curitiba e fiz o quarto ano primário, eu me saí bem porque já conhecia o conteúdo. Era uma repetição do que já tinha aprendido sobre a História do Brasil, a nossa Geografia, com rios, montanhas!!!! Tudo uma reprise do que eu tinha aprendido lá. História, Geografia, rios, montanhas, história do Brasil, isso eu já sabia.

*E*u aprendi a ler e a escrever, na escolinha. Não gosto de português, porque sempre achei minha letra muito feia e já estou velha para mudar. Admiro pessoas que têm uma caligrafia bonita. Gostava mais de matemática, geografia e história. Minha mãe, tinha uma letra linda. Ela acompanhava em casa, ajudando-nos com nossas tarefas escolares, como podia, especialmente, meu irmão que não aprendia, facilmente, as matérias.

*M*as, apesar de não achar minha letra bonita, gostava de escrever. Eu queria ser jornalista, pois sou curiosa e especulativa. Em 1987, fiquei seis meses em Fortaleza e

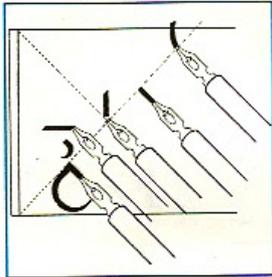
mandava muitas cartas por semana, para amigos, parentes, para muitas pessoas que moravam em Curitiba e São Paulo. Eu enviava quinze cartas e só recebia cinco respostas. Por causa da minha letra, algumas amigas, que moravam em Itararé, demoravam para ler minhas cartas. A matemática era meu forte, eu trabalhei no comércio e a matemática me ajudou bastante.

Quando nós tínhamos aulas de manhã, eu levava duas ou três amiguinhas para passar a tarde e brincar na minha casa. Nós tomávamos banho na lagoa, outro dia fazíamos arte no mato e, certo dia, aconteceu algo engraçado. No mato havia muito cipó e, logo abaixo, tinha uma valeta bem funda e larga. E nós íamos, com o cipó, de um lado ao outro, imitando o Tarzan. E adivinhem quem caiu, quando arreventou o cipó?

Eu caí no fundo da valeta, bati as costas e a cabeça. Foi um fervero, tiveram de chamar meu pai e outros empregados, para me socorrer. Amarraram uma corda no meu corpo, para que eu pudesse subir. Em outra ocasião, eu e minhas amigas fomos pegar frutas das árvores. Eu chacoalhava os galhos e as frutas forravam o chão. E, um dia, eu estava com o pé apoiado no galho de uma pereira e as mãos em outro galho. Só que os galhos arreventaram e eu fui, com tudo, para o chão. Também me machuquei bastante, fui para benzedeira, fiquei dias na cama, porque bati minhas costas e minha cabeça.

### RONDE FRANCESA

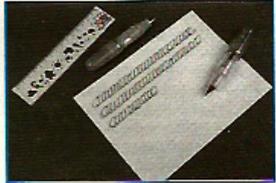
Durante o século XVII a tendência foi substituir a gótica pela ronde francesa, além de mais legível e arredondada sua confecção era mais rápida.



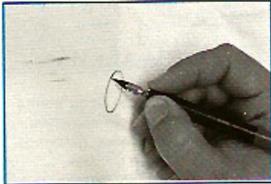
No início do século XVIII, a ronde francesa, dominava a sua área, já que a arte francesa impressionava o mundo.



### CADERNO DE EXERCÍCIOS



Em cada fascículo será encontrado também o caderno de exercício muscular e coordenação motora.



Iminentemente prática, esta seqüência de treinamento é superimportante para a confecção das letras caligráficas.

### PROGRAMA DO CURSO

- Aula 1 - Apresentação, introdução, teoria, posturas e materiais com explicação e ilustração, exercícios musculares, história da caligrafia (capítulo 1) e grafologia (lição 1).

10

Figura 3: Essa imagem mostra como era a caligrafia de minha mãe.

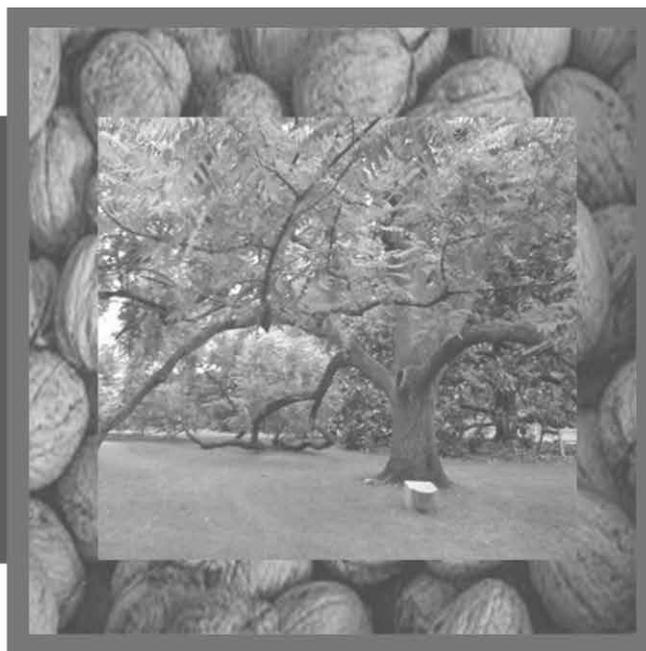
Durante a minha infância, eu lembro que comemorávamos algumas datas. No dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, meu pai fazia fogueira, chamávamos pessoas, tomávamos quentão, comíamos pinhão e nos divertíamos. No dia 29 desse mesmo mês, tinha mais festa, com fogueira, fogos de artifício, batata assada, bolo, que a mãe fazia. Porque a minha irmã Paulina fazia aniversário, no dia de São Pedro e São Paulo, por isso, o nome dela era Paulina. Então, o mês de junho era bem festejado.

E como o assunto é festa, recordo que meus pais faziam aniversário no mês de dezembro: meu pai, dia 27, e minha mãe, dia 24. E, no ano de 1959, meu pai estava completando 60 anos. Então, em uma mesa comprida, com bancos grandes, tinha carne assada, galinha assada, cerveja feita em casa. Minha mãe sabia fazer uma cerveja bem gostosa. Essas festas, que marcaram minha infância, eram bem interessantes. Lembro das festas de igreja com fogos e churrascadas. Também, lembro dos rodeios. Eram festas diferentes de hoje. Mas, o aniversário de 60 anos de meu pai foi a última festa que comemorei com minha família, antes de mudar para Curitiba.

Hoje, eu posso afirmar que a cor da minha infância foi rosa! Muito feminina. O cheiro da minha infância era de flor da laranja. No quintal, as laranjeiras exalavam um perfume muito bom.

## Capítulo 3

*Fevereiro de 1960: minha chegada em Curitiba*



*Fevereiro de 1960: minha chegada em Curitiba*

Em Curitiba, comecei a estudar no Grupo Escolar Professor Cleto, na esquina das ruas Visconde de Nacar com Júlia da Costa. Minha professora se chamava Nazira. Ela já era uma senhora, mas era bem bonita. Eu me saí muito bem na escola, era a primeira aluna da sala. Acompanhei, com facilidade, as matérias, porque eram uma revisão dos assuntos que tinha estudado na escola rural.

Lembro que em 1960 ou 1961, fui assistir, pela primeira vez, ao desfile de carnaval, que acontecia na Rua XV. Foi muito bacana e diferente, pois ouvia o samba e via os carros alegóricos.

O Grupo Escolar, em Curitiba, era bem grande e organizado. Era uma Escola Pública com diversas turmas, onde o Jorge fazia o jardim de infância, o César fazia o pré-primário e eu já estava na quarta-série. Nós íamos juntos, caminhando! Não existia linha de ônibus para nos levar e trazer do grupo. Então, eu era responsável pelos meus primos! Nós andávamos seis quadras, de casa até a escola.

A cada dois meses, voltava para minha casa e podia ver meus pais. Eles trabalhavam para fazendeiros ricos, que autorizaram os motoristas a me darem carona. Nas férias escolares, eu também visitava meus pais. Ficava, aproximadamente, quinze dias com eles. Mas, meus primos curitibanos me acompanhavam. Eles gostavam de ir para fazenda comigo e eu adorava ficar solta por lá. Nós brincávamos juntos.

Na casa de meus tios, tinha geladeira e fogão a gás. Demorou para ter televisão e, quando ela chegou, era em branco e preto. Eu me lembro de uma novela muito bonita que se chamava “Os quatro filhos”. Eu não tinha muito tempo para ler livros. Precisava

estudar, ajudar com os afazeres de casa e, ainda, cuidar de meus primos. Então, sobrava pouco espaço para leituras, além daquelas solicitadas pela escola.

Nesse tempo, quando morava com meus primos, eu conheci o mar. Devia ter 14 anos de idade, quando vi a praia, pela primeira vez. Meus tios, a Alcina e o Douglas, me levaram para a Associação do Banestado, que ficava entre a praia de Caiobá e Matinhos, aqui, no litoral do Paraná. Nos carnavais, nós descíamos a serra e nos hospedávamos

nessa Associação. Gostei muito da praia!!!

Também lembro de uma amiga, a Neusinha. Ela era vizinha dos meus tios. Nós éramos bem próximas, apesar de estudarmos em escolas diferentes. Ela estudava no Colégio Divina Providência e eu estudava em colégio do Estado. O pai dela era brabo. Mas, depois que cresci perdi o contato com a Neusinha. Sei que os pais dela morreram. Ela casou e foi embora, mudou-se para outros lugares e não voltamos a nos encontrar.

Em 1961, fui estudar no Colégio 19 de Dezembro, que ficava a uma quadra da Rua Comendador Araújo. Lá, fiz o quinto ano. Então, em 1962, fui para a Escola Profissional República Argentina, fazer um curso de corte e costura. Eu deixava meus primos no Colégio 19 de Dezembro e andava até a Escola Profissional. Seriam três anos de formação e eu



Figura 4: Aqui, nessa foto, eu estava com quinze anos.

sairia da escola como costureira. Mas, a costura não era meu forte. Além disso, precisava comprar tecidos para frequentar as aulas e eu não queria dar prejuízo aos meus pais e à minha tia. Por isso, parei de estudar.

Lembro que, em 1962, perdi um irmão, o Casemiro. Ele tinha 28 anos quando sofreu um acidente. Parece que estava andando a cavalo sozinho, caiu e bateu a cabeça. E, depois de um tempo, um rapaz achou o corpo do meu irmão, caído no chão. Ele morreu num dia pela manhã e eu fiquei sabendo, só à noite. Eu estava em Curitiba e, naquele tempo, não tinha telefone. Também, não vi ele. Quando, cheguei na fazenda para me despedir, meu irmão já estava enterrado. Essa foi uma perda que me entristeceu bastante.

Nesse tempo, eu permanecia cuidando dos primos, que foram crescendo e passaram a ir para escola sozinhos. Minha tia Alcina era como uma mãe, ela era “dura” como meu pai, e eu a respeitava bastante. Eu não podia namorar e, se fosse na casa de alguma amiga, tinha de voltar logo. A Alcina me deixava ir em festas de conhecidos, apenas se alguém me levasse. Meus primos e eu frequentávamos o Clube 21 de Abril. Lá, nós comemorávamos aniversários da família, íamos aos bailes e festas de ano novo.

Fiz o curso de datilografia no Colégio Bom Jesus, que durou quase seis meses. Na realidade, fiz esse curso de datilografia porque eu queria trabalhar em um escritório. Mas, minha tia não deixou, porque falava que eu não podia ficar trancada em um escritório com outros homens. Era para eu trabalhar em um escritório de advocacia, onde ficava um senhorzinho e mais um rapaz. Eu seria a terceira funcionária, além do advogado que chegava à tarde. E minha tia não me deixou trabalhar lá, porque não queria que eu ficasse com outros homens.

Em 1966, comecei a trabalhar na Loja das Porcelanas.

Lembro que, nessa época, minha tia parou de trabalhar no banco Banestado e abriu um salão de beleza. Ela fez curso para se tornar cabeleireira e eu também. Durante um ano, trabalhei nos dois períodos, ou seja, manhã e tarde, na Loja das Porcelanas e à noite fazia o curso. Mas, assim como a costura, salão de beleza não era meu forte. Não gostava de ficar esperando até que se formasse uma clientela.

Queria trabalhar e ver o meu dinheiro. Minha tia trabalhou como cabelereira, por muitos anos. Eu ajudava a Alcina aos sábados, que eram bem atribulados. Mas, não

fiquei trabalhando no salão. Permaneci trabalhando no comércio e depois de ter morado na casa de meus tios, por oito anos, entendi que era hora de cuidar da minha vida.

*M*as, sobre o cuidado com os cabelos, certa vez me aconteceu uma situação muito engraçada. Eu tinha uma amiga que comprava pastilhas de rinsagem e fui comprar, também. A vendedora me falou que tinha uma, que era verde, mas dava um tom de cinza. Comprei e passei aquilo em minha cabeça. O meu cabelo, que era loiro, ficou verde, bem verde. E, na loja onde eu trabalhava, não podia usar lenço. Cheguei lá de cabelo verde. Na época, eu já tinha um namorado e ele falou que não sairia comigo se eu não tirasse aquela cor verde do cabelo. Eu passei na Rua XV e só não fui filmada porque não tinha ninguém com câmera, porque foi um fiasco.

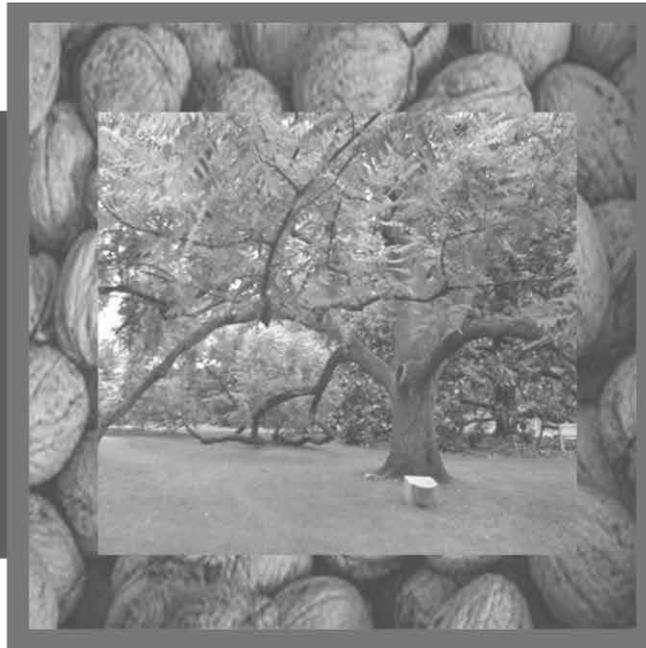
*Q*ue cor tinha esse tempo da minha vida, entre 1960 e 1968? Tinha uma cor complicada... longe dos pais, acho que era uma cor azulada.



Figura 5: Aí estou eu, em 1966.

# Capítulo 4

*1968: decidi cuidar da minha vida*



*1968: decidi cuidar da minha vida*

Como já comentei, o tempo em que morei na casa de meus tios, foi diferente do tempo em que morava com meus pais e irmãos. A distância dos meus pais, era algo muito difícil, no dia a dia. Ainda, com pouca idade, eu já tinha responsabilidades de uma pessoa adulta. Mas, eu queria continuar estudando. Então, conversei com meu pai e decidi sair da casa de meus tios. Minha primeira morada, nessa nova fase da vida, foi em uma casa de fundos na Rua Martin Afonso, 855.

Hoje esse local fica em frente à Praça 29 de março. Era uma casinha de fundos que fazia frente com a Rua Fernando Moreira. Então, eu só ia e voltava do trabalho a pé, porque era perto. Morava com duas amigas, a Iraídes e a Terezinha. Uma delas trabalhava nas Lojas Prosdócimo e a outra na Disabel. Nós dividíamos as despesas.

Até que era uma casinha bem gostosa! Tinha dois quartos, uma cozinha e um banheiro. Na frente, haviam duas meias água. Em uma, morava uma senhorinha bem idosa, de mais de 90 anos. O filho dela era mudo. Era engraçado! Ele chegava em casa tarde da noite, bem quietinho e abria o portão. Quando ele passava pela janela da nossa casa e nós escutávamos, abríamos a cortina e fazíamos careta para ele! Ele ficava muito bravo!

Eu e minhas amigas nos divertíamos, mas começamos a nos desentender. Elas gastavam dinheiro para comprar roupas chiques e eu comprava comida e material de limpeza. E quando me dava conta, elas usavam o que eu havia comprado. Além disso, nossos horários não estavam mais batendo. Então, depois de um tempo, minhas amigas foram morar em outros lugares e minhas irmãs vieram morar comigo: a Maria e a Paulina.

Morei com elas até me casar. Quando saí da casa dos meus tios, eu estudava e trabalhava. Estudava à noite e era bem cansativo, pois tinha cinco aulas por dia. Lembro

de dois professores, bem mais velhos. A última aula era de matemática e eu sentava lá na frente, para poder me concentrar, porque se eu ficasse no fundo não escutava o que o professor falava e acabava dormindo. Eu sempre estava muito cansada.

Nessa época, também, mudei de emprego. Saí da Casa da Porcelana e, entre 1968 e 1974, trabalhei na Casa Franca. Na Casa da Porcelana, trabalhei três anos e meio e fui registrada apenas um ano. Com isso, perdi dois anos e meio de registro em carteira. Se tivesse registro, desde o meu primeiro ano de trabalho, conseguiria me aposentar mais cedo. Lá, eu vendia cristais e porcelanas, lembro-me bem dos cristais Hering, que eram fabricados em Santa Catarina, e das porcelanas Schimdt, que vinham de Campo Largo. E tinha que ter muita responsabilidade, abria e fechava a loja, fazia compras e pagamentos.

Foi assim que aconteceu: mudei de trabalho, fui morar longe de meus tios e voltei a estudar à noite! Ai mudou tudo!

A casa Franca era uma loja, de cama, mesa e banho, que ficava na Galeria do Edifício Asa, no centro de Curitiba. Vendíamos, desde lençóis até toalhas de banho, da Artex e da Cremer. Eu era vendedora, fazia vitrine, fazia compras, passava pano de chão. Naquele tempo, a gente fazia de tudo! Abria a loja, vendia, limpava, arrumava, colocava tudo no lugar. Foi um tempo muito bom. Não posso dizer que foram “anos dourados”, mas “dias dourados”. Alguns dias foram dourados, porque minha vida foi de altos e baixos. Sempre tinha alguém que morria!!!

Entre 1970 e 1973, vivi momentos muito difíceis, de muito sofrimento. Em 1970, no dia 28 de maio, meu pai faleceu por problemas cardíacos, com 70 anos. Morreu mais novo do que eu, pois, já tenho 72 anos de idade. Ele era de 1899. Fumava muito. Foi um dia muito triste. Quando me avisaram, já tinham se passado várias horas, mas cheguei, em São Luiz do Purunã, a tempo de acompanhar o enterro.

Dois anos depois, no dia 21 de setembro de 1973, perdi minha mãe. Ela bateu o seio e começou a fazer remédio caseiro. Passava água quente e não contou nada para ninguém. Ela morreu na casa dela, depois de ficar, praticamente, um mês internada.

Depois da morte do meu pai, veio uma amiga de Ponta Grossa nos visitar e contou para meu irmão que a mãe estava doente. Ai, nós levamos minha mãe ao médico. Mas, estava com câncer em estado bem avançado. Era o ano de 1971. O médico falou que tinha

oitenta por cento de chance de que ela morresse de hemorragia na cirurgia. Então, eu tomei a atitude de falar com meus irmãos e ela não fez a cirurgia. Mas, prolongaram-se a dor e o sofrimento dela...

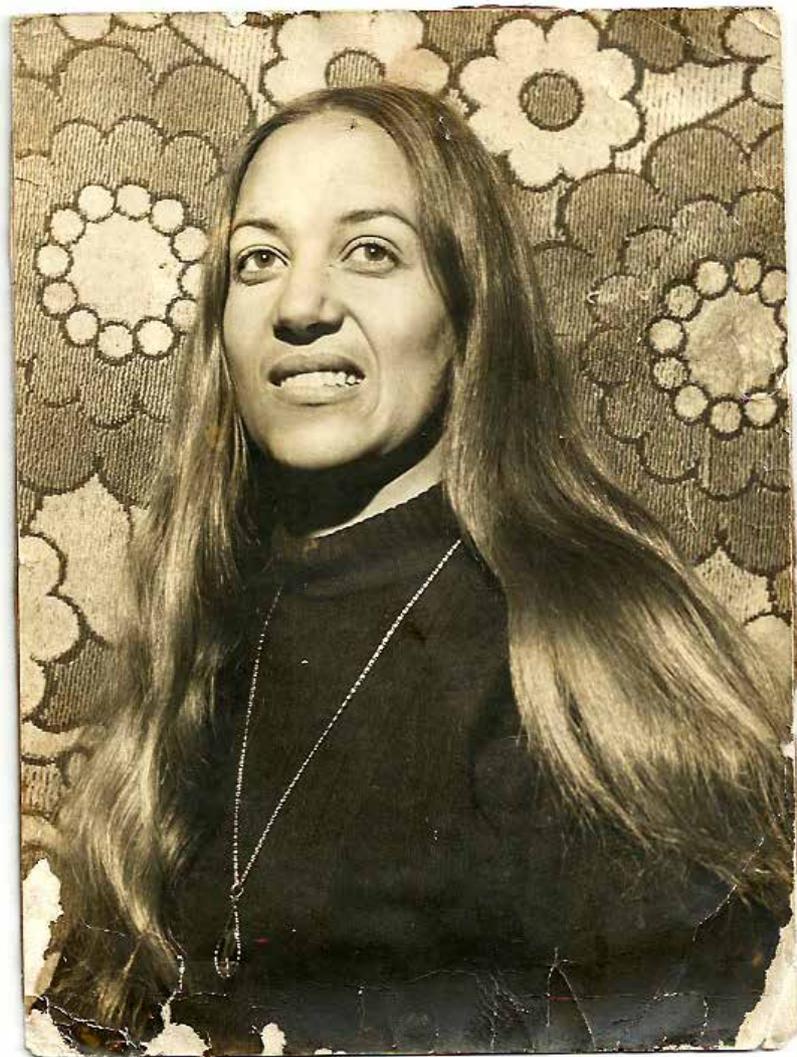


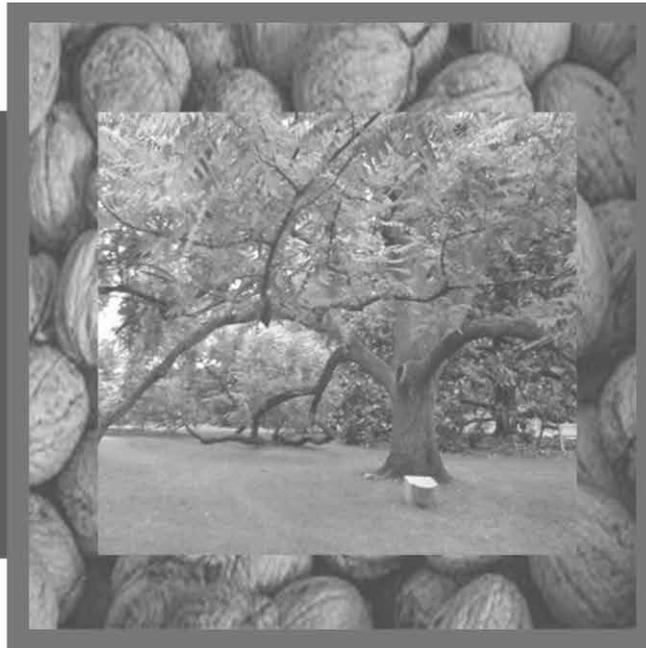
Figura 6: Eu era assim, no tempo em que namorava com o José.

Naquele tempo não existia quimioterapia e não teve saída. Foram três anos de muita dor e sofrimento. Foi bem difícil cuidar da minha mãe, nessa época, porque nós ganhávamos muito pouco. Minha irmã mais nova parou de trabalhar para cuidar da nossa mãe. Eu e minha outra irmã trabalhávamos para sustentar a casa. Meus irmãos não ajudavam.

Antes da mãe morrer, eu namorava um moço muito chato. Ninguém gostava dele. Aí, quando achei meu marido, eu resolvi casar, porque eu já tinha bastante idade. Nos conhecemos em uma festa de aniversário de uma amiga. Conheci o José, meu marido. Terminei com meu namorado para ficar ele.

# *Capítulo 5*

*Casei com o José*



### *Casei com o José*

Eu e o José nos conhecemos em 1973, um pouco antes da minha mãe falecer.

Ele era o filho mais novo, de uma família com três homens e três mulheres. O José era mais velho do que eu, trinta e três anos. Ele era viúvo, a sua primeira mulher teve um infarto e morreu. Ele já tinha cinco filhos homens, por isso, meu irmão era contra o casamento... durante um tempo. Os pais do José eram italianos, de Pompéia. Quando eu o conheci, seus pais já eram falecidos.

Os cabelos dele já eram bem brancos e os olhos bem azuis. Pessoa legal demais! Era do signo de gêmeos e fazia aniversário em maio. É José e Josefina! Ele era uma pessoa bem divertida, um homem carinhoso, bem legal! Aí, em um belo dia, o José perguntou: “você quer casar comigo? Pois, eu já estou velho! Quero companhia para passear e viajar. Respondi que sim. Disse que casava com ele, mas queria ter um filho pelo menos. Depois, até me arrependi por não ter mais filhos.

Quando eu trabalhava, ele sempre me levava lanche, lá na loja da Murici, que ficava na Rua Dr. Murici. Minhas minhas amigas faziam uma roda e ficavam falando com ele e eu dizia: “se o gerente ver isso, todo mundo vai perder o emprego!”. Eu tinha amigos, mas não assim tão amigos... eram pessoas que trabalhavam comigo e me davam força, mas nada de especial.

Organizei meu casamento, conforme manda o figurino! Meu marido escolheu a roupa dele e mandou fazer um terno azul marinho, com uma listinha bem fininha. Eu queria que ele casasse de camisa cor de rosa, porque escolhi casar de vestido cor de rosa, bem pêssego, com uns bordados, na barra da saia. Mas, ele não quis casar de rosa. Foi de camisa branca. Meu vestido era de manga curta. Casamos na Igreja São Francisco, na

Rua Desembargador Motta, esquina com a Saldanha Marinho. Era novembro de 1974, em uma quinta feira à tarde. No início, fiquei um pouco triste por deixar minhas irmãs e me mudar.

*M*eu casamento foi muito bonito! A marcha nupcial tocou quando eu entrei, mas depois ficou tocando outra música. Lembro que custou 100 cruzeiros, na moeda dos anos 70, para tocar três músicas, o que era caro para a época. A daminha entrou com as alianças, ela tinha feito a primeira comunhão, antes. Tocou “Canção para Ana”. Gosto muito dessa música, até hoje!

Clique aqui para ouvir a música “Canção para Ana”

*T*inham poucas pessoas, era uma quinta feira à tarde e eu não sabia que só rico casava nas quintas feiras à tarde, naquela época. Aí algumas pessoas que eu convidei não foram, pois imaginaram que seria um casamento muito chique.

*Q*uando eu cheguei na igreja, tinham muitos fotógrafos e nós não havíamos chamado nenhum. Meu irmão mais velho que iria tirar as fotos. Aí, na hora e na louca, contratamos! Escolhemos o álbum em preto e branco, porque as fotos coloridas eram muito caras.

*N*a lua de mel, viajamos para Florianópolis, que eu não conhecia. Camboriú, eu já conhecia. Ficamos uns dois dias lá, em Floripa, e fomos para o Candeias, em Camboriú. Ficamos mais uns três dias por lá e voltamos para Curitiba.

*D*aí fomos morar no Uberaba, que era o bairro onde ficava a casa do José. Fiquei lá quase dois anos. Durante minha vida de casada moramos em uma casa na Carlos Cavalcanti, perto do Instituto de Previdência do Estado - IPE. No começo, moramos um tempo com os três filhos dele. Ele tinha cinco filhos, mas dois já haviam casado. Não foi fácil, porque eles não me aceitavam muito, por causa da minha idade. Eu era bem nova e dava as ordens! Eu pegava no pé deles, para trabalharem e estudarem.

*L*ogo depois, compramos um bar, com a herança da minha família. Ficamos trabalhando no bar, dois anos e pouco. Foi, então, que engravidei e ganhei minha filha. Foi uma época bem legal! Mas, fechamos o bar porque não queriam mais renovar o contrato. Queriam vender o imóvel, que estava em inventário. Então, entregamos o ponto

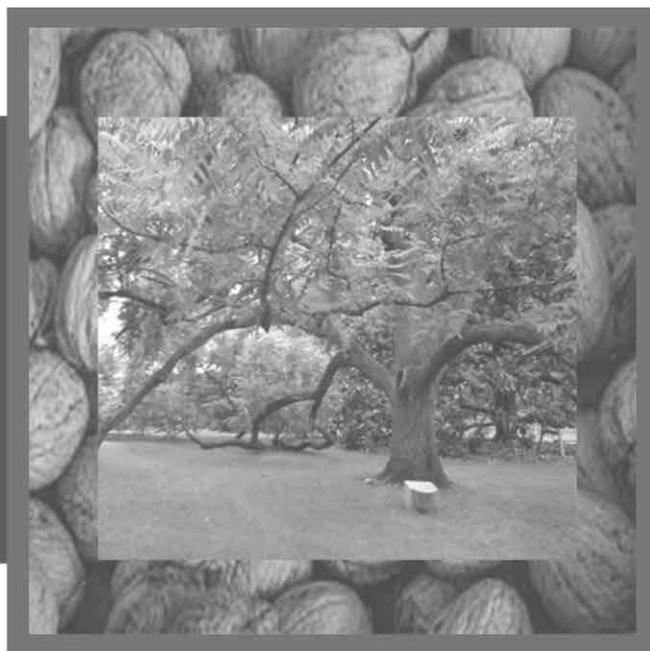
e fomos morar pra lá da Anita Garibaldi. Depois tivemos uma casa lotérica, no centro de Curitiba, ali na rua Saldanha Marinho, esquina com a Clotário Portugal.

Os meus cunhados gostavam muito de mim e nós íamos, juntos, almoçar em Paranaguá, Morretes e Antonina. Meus irmãos iam também. Quase todo mês a gente descia para o litoral. Inclusive, algumas vezes, passávamos o carnaval em Antonina. Íamos comer casquinha de siri.

Éramos sócios do Candeias, então, nós descíamos para o Candeias. Sempre gostei muito de praia. Meu marido não gostava, mas me acompanhava e participava com a turma. Ele tinha a pele branca, precisava ficar de camiseta. Era branco como a minha filha, a Rosângela. Então, não gostava muito da praia.

# Capítulo 6

*A chegada da minha filha*



*A chegada da minha filha*

Dois anos depois de casada nasceu a minha filha, em janeiro de 1977. A princípio, tivemos dificuldade em ver, na ecografia, se era menino ou menina. E sabe que eu achava que era menino? Quando eu fui fazer a ecografia, a Rosângela estava com a cabeça para baixo, as perninhas empurrando as minhas costelas e com o bumbum para frente, aí não dava para ver o sexo. As pessoas achavam que eu tinha a barriga bem saltada e falavam que era menino. Chegavam a apostar, até! Mas, na dúvida, eu comprava roupas amarelas, verdes e brancas, não comprava azul, nem rosa.

Mas, eu sempre quis ter uma filha! Foi bem legal ficar esperando pelo nascimento dela, fazer o enxoval, comprar o que era necessário para sua chegada, foi uma época bem legal! Acho que fiz só um casquinho para ela, comprei tudo pronto. Eu lembro que fiz as fraldas, apesar de que naquele tempo já existiam as fraldas descartáveis! Mas, eu fiz bastante fralda. Adorava ver as fraldas de pano branquinhas no varal! Fui bem paparicada nessa época!

Internei em uma sexta à noite e depois da cesariana, a médica disse que era uma menina. Eu fiquei meio assim... na dúvida! Pensava que era um menino. Meu marido ficou muito feliz, imagina! A única filha mulher! Já, a minha ficha demorou a cair. Só quando eu cheguei em casa e troquei a fralda que me caiu a ficha!

Ela era a cara do pai, cabelo bem loirinho, todo cacheadinho, bem bonita! Eu chamava meu marido de benzinho e ela me copiava: “benzinho!”. Então, passei a chamar ele de pai. Ela era muito linda e toda arrumadinha! Ela era branquinha, muito diferente de mim, bem parecida com o pai. Ela é muito inteligente! Com três anos, já foi para a creche.

Meu marido tinha uma amiga, chefe da farmácia do Instituto de Previdência do Estado (IPE). Aí, depois que a Rosangela nasceu, essa amiga passava todo dia, na minha casa, para dar banho na minha filha. Nos primeiros trinta dias ela ia lá para dar banho na Rosangela! Eu até queria chamar essa amiga para ser madrinha, mas aí pensei: “melhor não chamar!” Achei que ela poderia pensar que só convidei por ser uma mulher rica, mas depois me arrependi.

Eu cuidava da Rosangela, cuidava da casa, fazia almoço e ia para o centro. Ia com ela levar o almoço para o meu marido. Não tinha quem me ajudasse nessas tarefas.

Certa vez, depois de voltar da praia, eu estava bem morena, vestindo calça jeans e camiseta. Aí, dentro do transporte público, sentei com a Rosangela, muito bem arrumadinha... chegou uma mulher, bem chique, do meu lado e perguntou: “você cuida o dia inteiro dessa criança?”. E eu respondi: “cuido de dia e de noite!”. Ela disse: “que mulher louca largar essa criança com uma babá”. Eu morena, estava quase preta, de calça jeans!! Tenho muita facilidade de ficar morena com o sol. Lembro de uma situação em que passei vinte e cinco dias, em Guarapari. Voltei de lá azulzinha! Eu tenho sangue de negro, então, é rapidinho para pegar um bronze.

Quando minha filha era maiorzinha, eu precisei sair de casa e disse: “Rosangela, não mexa no fogão, de jeito nenhum! Na hora que seu pai chegar, comam as coisas que têm na geladeira. Tem tudo na geladeira! Mas, só jante na hora que seu pai chegar! Não existia micro-ondas, naquela época.

Quando foi um dia, eu já estava trabalhando na Mesbla, passei mal no serviço e voltei para casa, mais cedo. Cheguei em casa e ela tinha pedido dinheiro para o pai, comprado os ingredientes para cozinhar. Abri a porta e aquele cheiro de bolo! Quando ela me viu na porta e deu de cara comigo, quase desmaiou! “Mãe, você vai me bater!!!”.

Eu fui direto para a cama e ela assando um bolo que chamamos de toalha felpuda. Ela fez a tal toalha felpuda, bem gostosa! E tinha somente sete anos.

O primeiro ano do seu nascimento foi muito alegre. Fizemos uma festa, mas como ela estava com tosse comprida foi pouca gente, para não pegar a dita da tosse. Só gastei e quase ninguém foi. Convidei todas as pessoas do meu convívio, que tinham bebê. Mas, as crianças não foram para evitar contato com a doença.

A criança fica uns três meses com uma tosse muito forte. As cinco horas da manhã, eu colocava a Rosangela no carrinho e saía andar na rua, para que ela tomasse sereno e melhorasse. Eu voltava para casa com ela, por volta das sete horas. Daí, meu marido levantava, tomava café e saía trabalhar. Então, eu e a Rosangela, voltávamos para a cama e dormíamos mais um pouco.

Ela tossia muito! Depois, ficou mais três meses com uma tosse mais fraca. Os outros diziam: “Tome isso! Tome aquilo! Ande de avião!”. Eu fui na base aérea para andar de avião, era hora do almoço. As pessoas que me atenderam diziam: Fale com um ciclano e o tal ciclano afirmava que tinha que pedir para o fulano. Era desculpa pra não me levar no avião. Precisava de uma solicitação médica. Aí, eu fui ao médico e ele disse: você desça para o litoral! Vá de trem! O trem que vai para a praia. Ele afirmou que seria muito bom para a menina!” Daí, a gente desceu de trem pra tomar aquele ar da serra e, realmente, foi muito bom.

Agora existem vacinas! Mas, apesar de ter tomado todas as vacinas, ela teve essa tosse comprida. Na minha época de infância, era normal ter tosse comprida. No sítio, não tinha vacina e era comum as crianças terem tosse comprida.

Também, na infância, ela teve uma gripe forte, um começo de pneumonia. Ela devia ter uns seis meses. Eu fiquei com ela oito ou dez dias no Hospital Pequeno Príncipe.

Já, aos três anos, foi logo para a creche, porque eu precisava trabalhar. Todas as festas da escola ela participava, de cantos, danças. Foi para o primário e nunca reprovou nenhum ano, sempre passou por média. Ela é muito inteligente! Estudava no colégio Professor Cleto, logo na mesma escola aonde eu fiz a quarta série do primário. Terminou o primário e ela foi a organizadora de toda a festa de formatura.

Depois, foi fazer o segundo grau no Colégio Francisco Zardo, em Santa Felicidade. Também, não reprovou nenhum ano. Prestou vestibular para Jornalismo na Universidade Federal do Paraná e não passou. Tentou uma segunda vez e não passou. Então, resolveu fazer Serviço Social na Faculdade Espírita, onde se formou.

Em 1998, ela teve um câncer, o Linfoma de Hodgkin. Esteve à beira da morte! Mas, com muita fé de toda a minha família e de todos os amigos, ficou boa! Lembro que, nessa época, a Rosangela estava com vinte anos e a melhor coisa que Deus colocou

na vida foi a possibilidade de vender Yakult. Porque a minha mãe morreu de câncer e minha irmã também. Então, essas vendas foram de muita ajuda, pois eu tinha me aposentado, há seis meses, e conseguia me distrair.

Eu consegui segurar a Rosângela até os dezessete anos dentro de casa. Depois, com os amigos em volta, não consegui mais! Aí, ela foi para a faculdade e teve a doença. Parece que Deus faz as coisas na hora certa. Pois, com a doença, ela amadureceu. Com a doença, toda a família também paparicava! E, hoje, ela está aí com três filhos lindos: o Enzo, com quinze anos, o Francisco, com dez anos e o João, com sete anos!

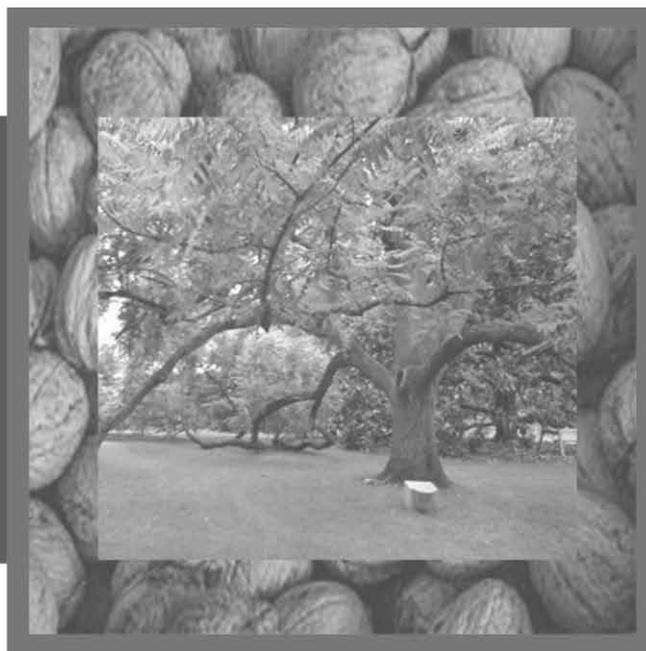
Depois de ter o segundo filho, resolveu fazer curso Técnico em Enfermagem. Queria saber mais, para fazer trabalhos voluntários.

Ela trabalhou dez anos em uma escola especial. Os alunos gostavam muito dela e até hoje alguns alunos me encontram na rua e perguntam: “Cadê a Ro? Ela vem hoje?”. Aí respondo: “vem amanhã!”. Ela também ajuda na igreja, gosta de cozinhar, faz pão, bolo, faz tudo muito bem!

Ela é casada com o Edson, marido maravilhoso! Eles se entendem muito bem! E os meus netos são muito bonitos e inteligentes, como a mãe. Ela coloca os meninos na linha! Manda um deles arrumar os brinquedos, o outro guardar as roupas. O Enzo faz bolo, pão da igreja, embala e insere as datas para vendê-los.

O Enzo é super “pão duro”, nunca vi! Não tem ninguém da minha família assim! E ele é assim...com o dinheiro! O Enzo, às vezes, quer comprar alguma coisa e fala: “é muito caro!”. Um dia ele foi na feira, no sábado, e veio comendo pastel. E perguntei: “cadê o pastel da vó?”, e ele falou: “Vó...estava muito caro!”.

*Capítulo 7*  
*Hospitalização e perdas*



*Hospitalização e perdas*

Em 1979, eu tive uma apendicite supurada. Fiquei trinta dias internada, no Hospital São Vicente. A coitadinha da Rosangela, que tinha por volta de três anos de idade, ficava na casa de um e de outro. Foi bem difícil! Meu marido trabalhava em uma lotérica, eu estava no hospital e a Rosangela tinha de ficar na casa dos outros. Esse foi um pedaço muito difícil!

Minha barriga estava inchada, dura e doía! A médica apertava e dizia “se fosse apendicite, você estaria com a perna dura”. Não chegavam a um diagnóstico. Eu tomava remédios para passar a dor e a dor não diminuía. Lembro que passei muito mal uma noite e na manhã seguinte, arrumei minha mala, com meu pijama, e fui para o hospital. Arrumei a malinha da Rosangela e sabe Deus para onde ela foi aquele dia!

Quando estava no ponto de ônibus, desmaiei de dor! Meu marido me colocou em um taxi e fui para o hospital. Passei o dia inteiro no hospital, sentada numa cadeira, até conseguir uma vaga. Só fui internada à noite e, na manhã seguinte, fui operada. Aí a dor passou. Eles abriram meu abdômen, tiveram que tirar meu intestino todinho, para lavarem! Foram quatro horas de cirurgia! Só por Deus que não morri. Daí, depois da cirurgia, fiquei mais trinta dias no hospital, com dreno. Só por Deus que estou viva hoje! Quase fui!

Nessa época, existia o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Então, as pessoas com carteira de trabalho assinada, que não estavam bem de saúde, tinham que ir para o hospital direto, não existiam os postos 24 horas. Mas, fui bem atendida. Às vezes, brigava com o médico, daí achava que estava com uma dor e o médico voltava. Ele

já é falecido, o Dr. Bufara... não lembro mais o primeiro nome dele. Um grande cirurgião! Eu discutia com ele! Dizia: - “O senhor não quer dizer que doença eu tenho!” Já pensou ficar trinta dias no hospital?! Aquela comida pastosa, ruim, pensando que tivesse uma doença ruim.

*Um dia, meu marido e uma prima minha foram me visitar, no hospital, e levaram quatro maçãs grandes e lindas! Levantei, lavei aquelas maçãs e comi duas. Daí, chegou a janta e eu não quis jantar. “Meu Deus do céu! Quando foi à noite, de madrugada, minha barriga inchou! Sentia dor! Muita dor! A enfermeira veio e disse: “comeu maçã... dona mocinha?”. Comi, é claro! Não podia ter comido as maçãs.*

*No dia seguinte, no domingo, meu marido chegou cedo e eu pedi: “pai, você volta em casa, faz um chá de erva doce bem forte e me traz!”. Coitado! Ele me levou o chá no hospital. Tomei o chá e senti o meu intestino remexer, todo. Fiquei o dia inteirinho com aquele mal estar e quando foi à noite os gases saíram! Ai fui melhorando!*

*Lembro de que, na enfermaria, onde eu estava, ficavam seis pessoas no mesmo quarto. Nós fazíamos “vaquinha” e alugávamos uma televisão. O hospital disponibilizava a TV para quem podia alugar. É, tinha que pagar a televisão, na enfermaria. O médico me visitava todos os dias. O serviço da enfermagem era muito bom.*

*Eu tive muitas perdas na vida e, às vezes, acontecem algumas situações que me fazem lembrar de momentos difíceis que enfrentei.*

*Uma vez, estava andando pelo centro de Curitiba e presenciei um fato que me chamou atenção. Vi, de longe, um homem que eu conhecia, pois ele era representante de vendas. Ele estava dando um abraço carinhoso no seu filho, que estava voltando de Brasília. Eles se abraçaram e se beijaram! Achei aquilo tão bonito! Chorei na rua! Eu nunca abracei e beijei o meu pai, pois quando era criança, nós não tínhamos esse hábito.*

*A morte é uma coisa que não tem explicação. Lembro quando meus sobrinhos faleceram em um acidente. Foi a situação mais triste que enfrentei na vida. Fiquei trinta dias sem dormir. Passado esse tempo, fiquei dois anos dormindo, apenas, das cinco às sete da manhã. Passava a noite toda acordada! Meu marido não me deixava fazer nada. Ele não queria que eu ficasse acordada, para não ficar pensando em coisas*

tristes. Então, eu deitava e ficava a noite toda escutando música, no rádio. Já fazem vinte e três anos que meus sobrinhos morreram e até hoje eu tomo antidepressivo para dormir. Se eu não tomar, não durmo.

Lembro, também, de quando o meu marido morreu. Eu me senti perdida, sem dono! Quando minha mãe e meu pai faleceram, senti muito! Mas, foram sentimentos bem diferentes. Todos difíceis, mas diferentes.

Meu marido teve Alzheimer e nós demoramos a perceber, porque a pessoa idosa pensa que essa doença é coisa de rico e não presta atenção. Depois de fazer os exames, a doença foi diagnosticada. José teimava em sair para rua! Nós colocávamos bilhetinhos em seus bolsos, com números de telefone: o meu, o do meu trabalho, o da Rosangela. Ele saía... quando percebiam que estava perdido, telefonavam!!! Às vezes, os vizinhos ou outras pessoas traziam ele para casa.

Ele queria pegar ônibus todos os dias! Saía do Santa Cândida para o Pinherinho. E, por vezes, pegava o ônibus errado. Certa vez, o José ficou quatro horas no Interbairros II! Nesse dia, eu tinha ido até o Parque Barigüi, em uma feira, comprar algo, que havia reservado. Aí, a Rosangela me ligou e falou que eu precisava voltar para casa, correndo! Pois, em quinze minutos, um motorista deixaria o José no tubo de ônibus das Mercês. Peguei um taxi, mas não consegui chegar a tempo e me perdi dele! Ligaram novamente, do Terminal do Cabral, para eu buscar meu marido! Cheguei no terminal e ele me reconheceu. Os fiscais me deram um sermão, que saí de lá chorando.

Nesse dia, passei no mercado, comprei bolacha, suco. Meu marido estava com bastante fome! Ficou a tarde toda fora! Pedi para a Rosangela fazer uma sopa bem quente para o pai. Ele comeu e foi dormir. Ficou dois dias sem sair, mas não tinha como segurá-lo! Ele batia na porta, ficava incomodando os vizinhos, não tinha o que fazer!

Depois, ele ficou na cama, por aproximadamente seis meses, antes de falecer. O rim foi parando! Ele era uma pessoa bem saudável!!! Tinha 87 anos. Se não fosse o Alzheimer e depois a parada dos órgãos....

Quando eu me casei, mesmo ele sendo mais velho, não pensava muito lá para frente. Fiquei 28 anos casada. Antes de me casar, eu tive namorados e alguns faleceram bem antes do José. Como já afirmei, fiquei 28 anos casada com ele, então, foi uma história!

Foi difícil aceitar a morte dele! Fiquei dois meses fechada em casa. Quando eu saía, voltava correndo. Um dia eu saí com uma amiga e ela me perguntou: Jô, porque nós estamos correndo? E eu não sabia responder. Eu, apenas, precisava voltar para casa correndo. Passados esses dois meses, em casa, eu parei e pensei... bola para frente! Vida que segue! Aí, foram aparecendo coisas para eu fazer. Recebi uma proposta para cuidar de pessoas idosas.

Mas, foram dois meses bem difíceis. Eu chorei muito, quando minha mãe faleceu. Mas, ao menos, ela não estava mais sentindo dor, foi um alívio para ela. Com meu marido, eu não senti isso. Senti solidão! Cada caso, um caso. Cada perda, uma perda... E, assim, a vida é!

A Rosângela também sofreu pela morte do pai. Mas, com a morte dele, as amigas ficaram por perto. Convidavam a Rosângela para ir à praia e sair de casa! E eu fiquei sozinha. Minha filha já trabalhava, estudava.

Quando o José morreu, eu já tinha pago o plano funeral, com o mesmo plano que tenho até hoje. A Rosângela me ajudou com tudo. No dia seguinte da morte dele, eu tive de ir em São José dos Pinhais, já cedo! Eram seis ou sete horas da manhã e eu já estava lá cuidando de muita burocracia, para fazer o enterro! Eu já tinha tudo pago, mas era uma briga entre as funerárias, coisa horrível! Nem diante da morte, tem-se sossego!

Na época, não conversava sobre essa perda. Eu tinha amigas, mas esses sentimentos difíceis, eu guardo para mim! Por três meses, fui à clínica de uma psicóloga. Mas, pensei comigo: “essas coisas, a gente tem que virar a página sozinha”. Então, comecei a trabalhar e a fazer caminhadas. Tive de me ajudar! Se não me ajudasse, não tinha superado aquela perda. Remédio não resolve tudo!

Eu sou muito emotiva. Choro, igual a minha mãe. Ela chorava tanto de alegria, como de tristeza. Eu chorei pela morte de pessoas que eu gostava muito, como o Ayrton Sena, o Tancredo Neves, a Princesa Diana. Só na hora que acontecia de a pessoa morrer, que eu percebia o quanto gostava dela.

A morte do Tancredo foi muito triste! Eu estava na torcida, para ele melhorar. Ele tinha sido eleito para Presidente da República. O Aécio Neves era bem novo, na época. Eu fiquei triste a semana inteira, por causa da morte do Tancredo.

Também, chorei três meses quando a minha gata Filinha morreu! Ela ficava de mal comigo o dia que eu recebia visitas, em casa. Não gostava quando eu pegava criança no colo. Ficava duas noites sem dormir comigo! Ela morreu bem depois do meu marido. O Enzo, meu neto, já tinha 4 anos de idade. Essa gata morou seis anos comigo. Mas, morreu na casa da minha filha. Pois, eu trabalhava como cuidadora de idosos e ela ficava com a Rosângela. Estava em depressão, a coitadinha da Filinha. Morreu em uma oficina perto da casa da minha filha, aqui em Curitiba. Meu genro que enterrou ela. Agora, eu tenho outro gato, faz um ano: o Nino.



Figura 7: Esse é o Nino.

*Mas*, eu mesma não tenho medo de morrer. Acho que o que eu tinha de fazer, já fiz. Eu só vou pedir caixão fechado! A minha fotografia em cima do caixão e música no fundo. Não quero ninguém chorando e dizendo: “coitadinha da Josefina!”. Não quero morrer muito velha! Quero morrer logo, porque não quero ficar dando trabalho para os outros!

Eu não vi meu pai morrer, nem minha mãe morrer, nem meus sobrinhos e eu sentia uma tristeza por não estar com eles, na hora da morte.

A mãe da madrinha da Rosângela, que se chamava Madalena, estava doente. Como eu estava em casa, falei que dormiria com ela, aquela noite. Resolvi de me arrumar e ir! Tinha muita gente em volta dela e as suas amigas falaram: “vamos ver de quem ela gosta mais, para ver com quem ela vai querer morrer!”. E ela morreu comigo. Morreu para mim.

Eu estava passando a noite com ela, quando ela morreu. Foi triste, mas eu fiquei conformada. Eu não tinha ficado com meu pai e com minha mãe, mas fiquei com ela. Ela cobriu uma parte daquilo que eu não tinha feito antes.

Também, estava com meu marido na hora que ele morreu. Ele agarrou a minha mão tão forte... que não conseguia soltar. Morreu agarrado em mim. Ele ficou um mês no hospital. Depois voltou para casa e, em menos de trinta dias, faleceu. Não foi fácil! Ele aparentava alguns momentos de lucidez. Quando chegávamos perto da cama, ele sorria. Mas, logo firmava o olhar pra cima.

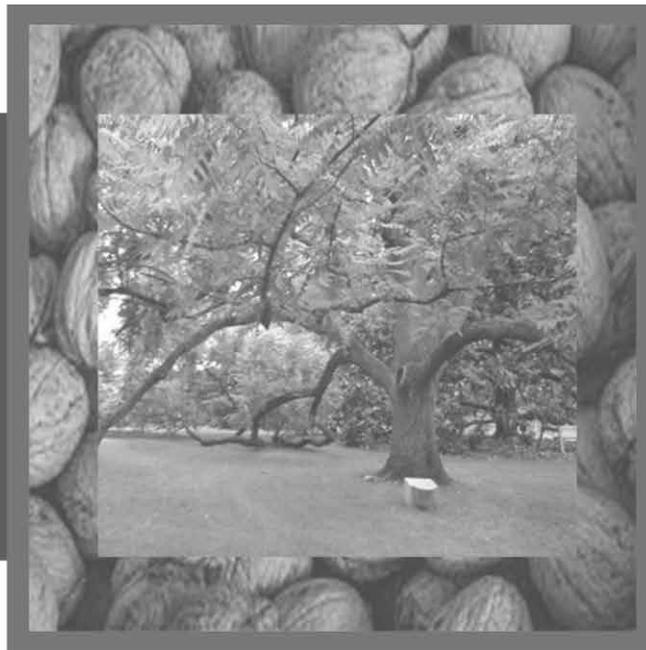
Depois que ele se foi, continuei trabalhando, vendendo Yakult. Vendia, em média, dois mil frasquinhos de Yakult por mês! Ganhei muitos prêmios, pois era a melhor vendedora da época! Saía e vendia, até mesmo em dias com chuva! Lembro que sempre trabalhei fora, fui independente, nunca gostei de depender de ninguém

Depois fui cuidadora de idosos, durante quinze anos. Comecei a cuidar de pessoas, conforme já comentei. As famílias me chamavam. Todos esses trabalhos foram por indicação. Não procurei nenhum. Cuidei de algumas mulheres e de um senhor, que era pai de um deputado. Mas, só nos finais de semana. Cuidei de diversas pessoas. Também viajei bastante, pois eram pessoas ricas. Então, eu viajava para a praia, aniversários, acompanhava as pessoas em festas. Tive uma vida diferente. Assim, fiz muitas amizades, conheci muita gente boa! E eu gostava desse trabalho! Sempre gostei de ajudar as pessoas. Adoro dar presente, receber presente.

Nunca tive problema com as pessoas que eu cuidava. Às vezes as famílias é que me deixavam chateada. Muitas famílias não têm paciência com os seus idosos: brigam e xingam. Uma vez eu fiquei com uma idosa e ela só conseguia dormir com o rádio ligado. Era só desligar o rádio e ela acordava. Aí a filha chegava no quarto e brigava com a mãe. Eu achava aquilo horrível, porque o rádio tinha que ficar ligado. Então, eu dizia que se eles continuassem a fazer isso com a mãe deles eu não cuidaria mais dela.

# Capítulo 8

*As viagens, os sonhos e a velhice*



*As viagens, os sonhos e a velhice*

Eu sempre gostei muito de sair, visitar pessoas! Viajei bastante, conheço nove estados e diversas cidades brasileiras.

Há uns três anos atrás eu viajei para Goiás e lá vi, pela primeira vez, bois na carroça, com chifres enormes. Se meu irmão tivesse vivo, eu gostaria de levar ele lá para ver! Eles ficam uma semana viajando para fazer o desfile no Pai Eterno. É uma coisa bem legal!

Passeava muito com a minha mãe quando era criança! Eu e minha mãe íamos juntas visitar as pessoas em outros lugares. Como minha mãe não gostava de andar a cavalo e nem de mexer na carroça, íamos a pé, quando meu pai não podia nos levar.

Em 1969, fui para São Paulo visitar uma amiga e conhecer a cidade. Em 1971, conheci o Rio de Janeiro! Fiquei muito encantada com a beleza do Pão de Açúcar, do Corcovado, do Estádio Maracanã. E as praias? Tudo muito bonito! Achei tudo maravilhoso! Lembro que eu e minhas amigas fomos ver um jogo de futebol, no Maracanã. Nós chegamos no Rio, dia 7 de setembro, que era feriado e no outro dia, fomos acompanhar o jogo. Depois fomos passear de bondinho!

Fui outras vezes para o Rio de Janeiro, com o meu marido e com a Rosângela. Conhecemos Salvador e, também, fomos para Fortaleza. Ficamos lá por seis meses! Foi uma experiência muito boa! Eu escrevia muitas cartas, na época, em 1987. Naquele tempo não tinha telefone celular, então eu escrevia quinze cartas por semana e colocava no correio. Mas só recebia a resposta de cinco por semana!

Conheço diversas cidades de Santa Catarina e suas praias! Gosto muito de Santa Catarina, muito linda! Muitas flores, plantação de arroz na estrada! Também, já viajei para Gaspar, onde ficamos hospedados em um hotel fazenda e comemoramos um aniversário meu. Naveguei no Barco do Príncipe, em Joinville. Uma vez fui com uma amiga, no passeio do Barco Príncipe – de Joinville a São Francisco - e outra vez consegui reunir doze pessoas, para navegar nesse barco. Até pensei que eu ia entrar de graça, mas tive que pagar.

Conheço o Paraguai, a Argentina. No Paraná, também, conheço diversas cidades. Já visitei a Itaipu, as Cataratas do Iguaçu, uma beleza muito grande, sentimos a presença de Deus naquele lugar!

Fui conhecer o Espírito Santo, Vitória, a capital, muito linda! Muitas praias lindas! Já cheguei a ficar lá vinte e cinco dias. Voltei bem bronzeada, azul de cor.

Também fui conhecer Goiânia, a capital de Goiás, e achei linda de mais! Conheci Brasília, a catedral de Brasília é muito legal! O museu do Juscelino Kubitschek! E as piscinas de água quente em Caldas Novas? Maravilhoso! Vontade de ficar lá direto! No Rio Grande do Sul, fui conhecer Gramado, Canela.

*Mas, ainda, quero conhecer as cidades antigas de Minhas Gerais!*

Como é bom sonhar! Lembro que tinha um sonho, que era dançar em um baile com Francisco Petrônio, lá no Clube Concórdia. No dia em que ele estava lá, meu marido não quis ir ao baile e eu podia ir porque tinha meu vestido de casamento, que dava para usar. Conheci o Francisco Petrônio, quando ele foi na loja em que eu trabalhava e autografou o seu disco para mim. De dentro da loja, eu vi ele descendo a escada do hotel, que ficava na frente. Ele era magro e elegante. Escutei pelo rádio quando ele morreu. Eu trabalhava cuidando de uma senhora. Eu fiquei tão triste que até essa senhora acabou percebendo minha tristeza.

*E como estou agora?*

Não estou me aceitando velha e feia. Ao mesmo tempo, agora, estou cuidando de mim. Parei de cuidar dos outros e estou cuidando de mim. Mas, não estou aceitando a velhice, não sei porquê! Um dia estou bem e no outro não. Não posso comer algumas coisas que gosto. Um dia desses cozinhei pêssego e comi. Quando

eu vou em uma festa de aniversário nem como os docinhos de medo, por causa da diabetes

*Hoje*, eu não consigo levantar cedo e limpar meu apartamento no mesmo dia! Um dia eu lavo os vidros, no outro limpo os banheiros. Agora, que estou com o olho bom, depois da cirurgia de catarata, eu enxergo sujeira em todo canto! Antes, eu limpava tudo em um só dia! E, também, faz tempo que parei de ser escrava da limpeza, hoje não sou mais assim!

*Mas*, teve uma vez que fiquei feliz por ser velha. Tive um problema com a assinatura de uma revista e fui no Procon. Estava uma fila enorme! Uma moça veio até mim, pediu para ver minha identidade e me deixou em uma fila com apenas três pessoas, na frente. Então, agora, sempre uso a fila do idoso!

*Gosto* muito de plantas e de árvores. Sempre tive muitas flores, folhagens. Adoro ver vitrine, não passo em uma loja sem olhar. Sou uma pintora de parede. Diversas vezes, já pintei meu apartamento. Já fiz calçada. Quando eu era vendedora de Yakult, ao andar pelas ruas, passava nas casas em construção e juntava restos de cacos de lajota. Com isso, fiz a calçada do sobrado em que moro hoje. Gosto muito de perfumes, bonecas e pedras.



Figura 8: Aí estou eu, hoje!



Figura 9: Algumas pedras que me encantam.

Gosto muito de crianças e idosos! Amo meus netos. O meu neto mais velho conversa muito comigo, quer saber do que eu brincava, quando era criança. Minha tristeza é que, aos setenta anos, ainda não sei andar de bicicleta! Eu só vou reto! Se virar a esquina eu caio! Se eu for aprender, tenho que por um bom capacete de moto.

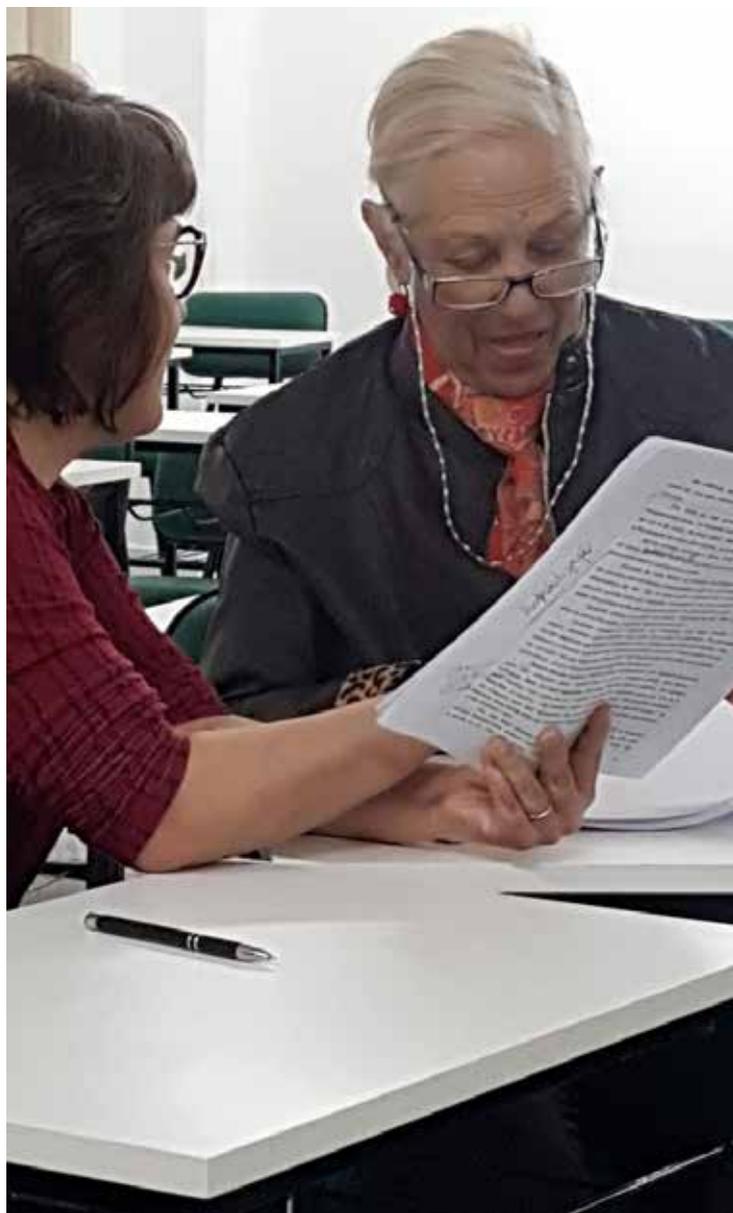
Gosto de ir em museus! Também, gosto de fazer e de receber visitas, de dar e receber presentes. Gosto de cachorro, gato, cavalo. Já contei que tenho um gato, o Nino. Ele dorme comigo na minha cama.

Gostaria de ter sido repórter por um dia! Mas, agora já passou... Será que já passou???? Se surgir uma oportunidade, quem sabe!!! Você, leitor, se souber de alguém interessado em uma repórter, por um dia, fico à disposição para conseguir realizar esse desejo!!!!

*Um grande abraço para aqueles que gostaram do meu livro!!!!*

Essas fotos, apresentadas na sequência, retratam as pessoas que participaram, comigo, da escrita desse texto.







EDITORAÇÃO  
CIENTÍFICA